

O Turismo Literário como elemento valorizador do Património Cultural de Portalegre

Eva Milheiro

Resumo

O património cultural de uma cidade pode evidenciar-se através dos seus escritores que, na sua obra, refletem a cultura, o modo de vida, a história dos locais onde viveram ou sobre os quais escreveram.

A procura de roteiros ou itinerários literários, e outros produtos relacionados com a literatura clássica, moderna ou contemporânea, constitui uma motivação para a viagem de um determinado segmento de turistas – os turistas literários – cujo interesse consiste em descobrir os locais onde escritores de renome eternizaram espaços onde viveram e frequentaram ou, ainda, ficcionaram nas suas obras.

Existem diversos exemplos de cidades que, por todo o mundo, apostaram no turismo literário como uma alternativa às ofertas mais tradicionais do turismo cultural. Em Portugal, escritores como José Saramago, Fernando Pessoa, Eça de Queirós, entre outros, inspiraram a criação de roteiros, festivais literários, ou a construção de casas-museu.

Portalegre acolheu durante mais de trinta anos o escritor José Régio, que nesta cidade produziu uma vasta obra literária.

Neste artigo, para além de uma perspetiva geral sobre o turismo literário no mundo e em Portugal, pretendemos enfatizar o potencial que esta cidade possui para a criação de produtos de turismo literário em torno da obra de José Régio, que tornem esta cidade mais atrativa para o turista cultural, valorizem o seu património e acrescentem valor à experiência dos seus visitantes.

Palavras-Chave: Turismo, literatura, turismo cultural, turismo literário, itinerários literários.

Abstract

A city cultural heritage can be enriched by its writers who reflect on their work the culture, the way of life, and the history of the places where they lived or about they have written.

The search for scripts or literary itineraries, and other products related to classical, modern or contemporary literature, is a travel motivation for a particular segment of tourists - literary tourists - whose interest consists in discovering the places eternalized by the writers who have lived at those places, visited them or used them as sceneries for their fictional works.

Several examples of cities around the world have invested in literary tourism as an alternative to the more traditional offers of cultural tourism. In Portugal, writers such as José Saramago, Fernando Pessoa, Eça de Queiroz, and others, have inspired the creation of scripts, literary festivals, or the construction of museum houses.

Portalegre hosted for more than thirty years the writer José Régio who produced a vast literary work in this city.

In this article, in addition to a general perspective on literary tourism in the world and in Portugal, we aim to emphasize the potential of this city for the creation of literary tourism products around the literary work of José Régio, making this city more attractive to the cultural tourist, enriching its cultural heritage and add value to the experience of its visitors.

Key words: Tourism, literature, cultural tourism, literary tourism, literary itineraries.

Introdução

O turismo literário insere-se no âmbito do turismo cultural que, de acordo com a Organização Mundial do Turismo (UNWTO, 2017)

é o tipo de turismo em que a principal motivação do turista é aprender, descobrir, experienciar e consumir os produtos e atrações culturais de um destino (tangíveis e intangíveis). Estes produtos e atrativos relacionam-se com um conjunto distintivo de elementos materiais, intelectuais, espirituais, e emocionais de uma sociedade, integrando a arte e arquitetura, o património histórico e cultural, a gastronomia, a literatura, a música, as indústrias criativas e as culturas vivas das comunidades, incluindo os seus modos de vida, valores, crenças e tradições (p. 31).

O turismo cultural surge, assim, como um tipo de turismo direcionado para o desenvolvimento sustentável dos territórios, alicerçando-se na sua originalidade, autenticidade e identidade, o que responde à multiplicidade de motivações turísticas que estão na origem das correntes turísticas (Milheiro, 2018).

Conhecer um local pelos “olhos” de um escritor que lá viveu, ou que o descreveu na sua obra, constitui uma experiência procurada por visitantes com interesses culturais muito particulares e está na génese de um tipo de turismo designado por Turismo Literário.

Como salientam Quinteiro e Baleiro (2017)

a relação entre literatura e turismo é, sem dúvida, estreita. Antes de mais porque ambos proporcionam momentos de lazer, mas também porque ambos têm implícitos atos de descoberta e aprendizagem, porque tanto o turismo como a literatura são enriquecedores, tornam-nos mais completos, logo, mais tolerantes, e porque ambos nos oferecem momentos inesquecíveis (p. 4).

Portugal, com os seus escritores afamados nacional e internacionalmente, dispõe das condições propícias para explorar este produto em diversos destinos. São variados os exemplos de casas-museu que existem um pouco por todo o país, de itinerários literários construídos em torno da vida e obra dos autores, ou ainda de festivais literários que atraem visitantes de todo o mundo.

Neste artigo, pretendemos efetuar uma reflexão sobre a relação entre turismo, património e literatura, apresentando diversos exemplos de como as obras literárias têm sido exploradas um pouco por todo o mundo e em Portugal em particular, no sentido de proporcionar experiências turísticas culturais a visitantes atuais e potenciais no contexto do turismo literário, contribuindo para a dinamização e atratividade dos destinos.

Portalegre, em particular, possui potencial para explorar este produto, já que nesta cidade viveu José Régio durante mais de 30 anos. A casa onde viveu (casa-museu atualmente), os locais que frequentou, devem ser potenciados para o turismo literário. Este artigo pretende, igualmente, apresentar uma proposta de ações a desenvolver neste sentido.

Património cultural, turismo e literatura

O património cultural é um dos principais elementos que atraem visitantes a um destino e é frequentemente conotado com a sua expressão física. Contudo, o conceito de património cultural é mais abrangente e integra “todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objeto de especial proteção e valorização” (Lei nº 107/2001 de 8 de Setembro).

O património imaterial é mais difícil de apreender, não obstante ser uma presença constante na cultura de um destino. A língua portuguesa, por exemplo, é um elemento essencial do património cultural português e a literatura um meio de valorizar a herança cultural da sociedade portuguesa.

Página | 102

Como defende Cabral (2011, s.p.) “no património material o mais importante são as coisas, no património imaterial, o principal são as pessoas”. A produção literária será indubitavelmente uma componente do património cultural de um povo, assim como outras manifestações do património imaterial, como o artesanato (vejam-se os bonecos de Estremoz¹), ou a música (como o Cante Alentejano²). A obra, o ato de criar, são indissociáveis e devem ser valorizados em conjunto.

A UNESCO tem sido responsável pela sensibilização em relação a este tipo de património, bem como por delinear medidas para a sua salvaguarda, expressas na sua Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial (2003).

A Convenção referida define património imaterial como

as práticas, representações, expressões, conhecimentos e aptidões – bem como os instrumentos, objetos, artefactos e espaços culturais que lhes estão associados – que as comunidades, os grupos e, sendo o caso, os indivíduos reconheçam como fazendo parte integrante do seu património cultural. Esse património cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu meio, da sua interação com a natureza e da sua história, inculcando-lhes um sentimento de identidade e de continuidade,

¹ Os bonecos de Estremoz foram classificados, em 2017, como Património Cultural Imaterial da Humanidade da UNESCO.

² O Cante Alentejano obteve a mesma classificação em 2014.

contribuindo, desse modo, para a promoção do respeito pela diversidade cultural e pela criatividade humana (Artigo 2º).

A literatura faz parte do património de um povo e é determinante na divulgação de práticas e costumes tradicionais, constituindo uma parcela estruturante da sua identidade e memória coletiva.

No Brasil, foi recentemente classificada como Património Cultural Imaterial brasileiro, pelo Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, a literatura de Cordel³, um género literário popular que começou nas regiões Norte e Nordeste, mas foi disseminada por todo o país por migrantes.

A literatura deverá ser encarada como um recurso do património imaterial passível de ser potenciado pelo turismo, capaz de diversificar a oferta dos destinos, aumentar a sua atratividade e proporcionar novas, sustentáveis e diferenciadoras experiências aos visitantes.

Acresce que, no caso do Turismo Literário, a valorização do património compreende não só a sua dimensão imaterial, mas também a material, nomeadamente dos locais onde viveram os autores ou que por eles foram frequentados.

A literatura assumirá, assim, um papel privilegiado de divulgação do património material e imaterial dos povos, permitindo “alicerçar o património cultural e artístico de uma sociedade, uma vez que propaga a cultura e o património dessa mesma sociedade, qualificando-a e caracterizando-a num determinado espaço temporal e físico” (Oliveira, 2017, p. 56). Fernandes e Carvalho (2017) reforçam esta ideia afirmando que

através da literatura o autor transmite uma mensagem e um legado emocional e espacial ao leitor, ao longo das gerações, o que conduz ao conceito de “património literário”. O património literário assume especial importância, na medida em que a literatura é um meio de perpetuar e (re)construir a memória individual (do autor ou do escritor) e coletiva (da sociedade), valorizando a herança cultural de uma determinada sociedade. (p. 580)

A literatura desencadeia, no leitor, uma motivação particular: a vontade de descobrir os espaços mencionados nas obras, assim como a cultura a eles associada, tornando-o num “leitor-turista”, que passeia pelo espaço até então ficcionado e, conseqüentemente, ao usufruir dos bens simbólicos, ele favorece a sustentabilidade dos valores de uma região (Milheiro & Pereira, 2014, p. 84).

³ Exame Brasil, setembro de 2018.

Estamos, portanto, perante um turista com motivações muito particulares, que procura conhecer os espaços reais idealizados durante a leitura de uma obra literária ou de uma biografia de um autor, um segmento de nicho que é conhecido por Turismo Literário.

Butler (2000) define Turismo Literário como

a form of tourism in which the primary motivation for visiting specific locations is related to an interest in literature. This may include visiting past and present homes of authors (living and dead), real and mythical places described in literature, and locations affiliated with characters and events in literature. (p. 546)

Hopen et al (2014, p. 37) argumentam que “Literary tourism occurs when authors or their literature become so popular that people are drawn to either those locations associated with the author (e.g. birthplace, home, graveside) or those featured within their writings”.

Podemos distinguir entre diferentes tipologias de sítios literários: sítios relacionados com a vida do autor (como as casas-museu); sítios relacionados com o mundo ficcional criado pelo autor na sua obra; sítios relacionados com a vida e obra do autor, mas valorizados pelo visitante por o recordarem do seu próprio passado, evocando-lhe, por exemplo, memórias de infância, causando-lhe nostalgia.

Página | 104

Os locais relacionados com a literatura constituem um atrativo inegável para estes turistas, tais como casas-museu de conhecidos autores (refiram-se a título ilustrativo a casa de Charles Dickens, em Londres, a casa de Victor Hugo, em Paris, e a Casa Museu Eça de Queiroz, em Portugal), percursos reais tornados ficcionais, ou que foram mistificados pela criação literária, ou, ainda, festivais literários. Também os locais frequentados pelos escritores despertam interesse, tais como cafés (como por exemplo o Martinho da Arcada em Lisboa⁴, que acolheu clientes como Bocage, Lopes de Mendonça, Cesário Verde, Augusto Ferreira Gomes, António Botto, Almada Negreiros e o incontornável Fernando Pessoa), restaurantes (como o Restaurante Botin⁵, em Madrid, frequentado por Ernest Hemingway, John Dos Passos, Scott Fitzgerald), bibliotecas (entre muitas bibliotecas que encerram uma riqueza literária inestimável, podemos referir, a título de exemplo, a Biblioteca do Mosteiro Beneditino de Admont⁶, na Áustria, a Biblioteca do Monastério de Strahov⁷, em Praga, ou a Biblioteca Joanina da Universidade de Coimbra⁸), hotéis (refira-se o Hotel Lawrence, em Sintra, frequentado por Lord Byron), entre outros locais.

⁴ Para mais detalhes consultar <http://martinhodaarcada.pt/> (consultado em 21 de outubro de 2019)

⁵ Para mais detalhes consultar <https://www.botin.es/pt/botin-na-literatura/> (consultado em 21 de outubro de 2019)

⁶ Para mais detalhes consultar <https://www.austria.info/us/styria/admont-monastery> (consultado em 21 de outubro de 2019)

⁷ Para mais detalhes consultar <https://www.tudosobrepraga.com/mosteiro-strahov> (consultado em 21 de outubro de 2019)

⁸ Para mais detalhes consultar <http://visit.uc.pt/biblioteca/> (consultado em 21 de outubro de 2019)

Existem múltiplos exemplos de destinos que exploram este tipo de turismo, ligado à presença de conhecidos autores nos seus territórios. Vejam-se alguns exemplos internacionais de autores cujas obras suscitaram um elevado interesse pelos locais onde decorre a acção das suas histórias, como Dan Brown, tendo o *Código Da Vinci* ou *Anjos e Demónios*, induzido inúmeros turistas a visitar Paris, Londres ou Roma. O mesmo ocorre quando se lê Gabriel Garcia Márquez tendo a Colômbia como referência; Miguel Cervantes e o seu “Don Quijote de la Mancha” por terras espanholas; Franz Kafka e Praga; James Joyce e Dublin; Baudelaire e Paris; Agatha Christie e Grã-Bretanha; Anne Frank e Amesterdão, entre tantos outros... Impensável visitar Lisboa e não tirar uma fotografia com Fernando Pessoa no Chiado (Milheiro, 2018).

Para explorar este tipo de turismo, existem agências especializadas (como, por exemplo, a British Tours, que oferece diversos itinerários por Londres, Paris, França, Roma, em torno de diversas obras clássicas da literatura⁹; a Literary Traveler¹⁰; a Lisboa Autêntica¹¹); hotéis literários (entre muitos outros podemos referir o *Library Hotel*, em Nova Iorque; o *Eurostar Book Hotel*, em Munique; ou, em Portugal, o *The Literary Man Óbidos Hotel*); itinerários desenvolvidos pelas entidades públicas dos destinos (iremos referir vários em Portugal na próxima seção); guias impressos ou festivais literários.

Turismo literário em Portugal e no Alentejo

Em Portugal também não faltam exemplos de autores cuja vida e obra estimulam o imaginário do leitor impelindo-o a transformar-se num turista, descobrindo autores como Camilo, Garrett, Eça, Pessoa ou Saramago, através dos lugares onde viveram/vivem e escreveram/escrevem, ou aquelas paisagens que serviram de cenário aos seus textos.

Oliveira (2017, p. 16) afirma que “Portugal é uma nação de célebres escritores que deixaram e vão deixando as suas vidas por contar, as suas obras por explorar e ainda as ruas e outros espaços sociais por eles frequentados e/ou narrados por percorrer nos trilhos das suas pegadas escritas”.

Neste país, existem já alguns exemplos de turismo literário, com itinerários literários, explorados por organismos estatais, municipais ou por entidades ligadas à cultura. Refiram-se

⁹ “Charles Dickens Literary Tour”, “Shakespeare Country Tour”, “Harry Potter Tour in London & Oxford”, “Overnight Pride & Prejudice Tour” ou “English Literary Tours”

¹⁰ Na sua oferta, inclui o itinerário “Portugal: Poised Between Proud Tradition and Global Modernity”.

¹¹ Promove passeios a pé relacionados com as obras de Antero de Quental, Eça de Queirós, Cesário Verde ou José Saramago.

os exemplos da Fundação Eça de Queirós¹²; da Câmara Municipal de Torres Vedras, com o Projeto *Walking Poetry*¹³; da Câmara Municipal de Leiria, com a Rota dos “Escritores de Leiria” e a Rota “O Crime do Padre Amaro”; da Câmara Municipal de Coimbra com os “Sabores da Escrita”, com jantares temáticos e conferências sobre grandes escritores¹⁴; a Câmara Municipal de Évora oferece roteiros subordinados à obra “Aparição”, de Virgílio Ferreira e ao escritor Eça de Queirós; a Câmara Municipal de Cascais, com a “Rota dos Escritores”¹⁵; a Câmara Municipal de Lisboa, com Percursos Literários¹⁶.

Os itinerários literários publicados são outra forma de explorar a relação da literatura com os locais, oferecendo informação sobre as obras, os autores e os espaços que estes ocuparam. Milheiro & Pereira (2014, p.84) referem o projeto designado “Viajar com... Os caminhos da literatura”, da responsabilidade da Direção Regional de Cultura do Norte, que disponibiliza roteiros turístico-literários, referentes a diversos autores portugueses, como Aquilino Ribeiro, Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós, Ferreira de Castro, Guerra Junqueiro, João de Araújo Correia, José Régio¹⁷, Miguel Torga, Teixeira de Pascoas e Trindade Coelho.

As casas-museu são igualmente locais de referência no panorama do turismo literário português. Nelas presta-se homenagem aos escritores que aí viveram, preservando a sua memória e estimulando o conhecimento da sua obra literária, através do espólio que armazenam. Os seus visitantes podem contactar de perto com os locais onde o escritor trabalhou, que o inspiraram, observar os objetos do seu quotidiano, respirar a ambiência que envolveu o autor (Milheiro, 2018). Como refere Sardo (2009, p. 344), a visita à casa onde viveu um autor desperta uma espécie de “fascínio no visitante, que, ao visitá-la, pode imaginar a vida do autor e observar os espaços que lhe serviram de inspiração”. Ainda segundo a autora, “o visitante/turista procura um tempo no qual passado e presente se misturam, unidos por uma nostalgia de descoberta de objetos pessoais, de recriação de espaços, ainda que os mesmos já não sejam os originais”.

¹² Esta Fundação promove atividades temáticas relacionadas com o escritor (a gastronomia e as ementas queirosianas), bem como visitas guiadas à Casa de Torme (em Baião), a casa-museu Eça de Queirós (que o autor descreve em *A Cidade e as Serras*). URL: <http://www.feq.pt> (consultado em 19 de agosto de 2019).

¹³ Projeto que combina a visita a pontos de interesse com textos literários e poéticos, com recurso a um mapa e um leitor MP4. URL: <http://www.cm-tvedras.pt/artigos/detalhes/quotwalking-poetryquot-uma-forma-de-turismo-inovadora/> (consultado em 19 de agosto de 2019).

¹⁴ Ainda em Coimbra o projeto “Passear na Literatura – Roteiro Torguiano, que dá a conhecer os locais de referência da vida e obra de Miguel Torga em Coimbra. URL: <https://www.cm-coimbra.pt/areas/visitar/planear-a-visita/roteiros/escritores> (consultado em 19 de agosto de 2019).

¹⁵ Propõe um passeio a partir da vida e obra de 12 dos muitos escritores que por ali passaram ou viveram, como Almeida Garrett, Eça de Queirós, Ramalho Ortigão ou João Gaspar Simões. URL: <https://www.cascais.pt/rota/rota-dos-escritores> (consultado em 19 de agosto de 2019).

¹⁶ “Lisboa De Almada Negreiros”, “Lisboa De Eça De Queirós”, “José Saramago e o Ano Da Morte De Ricardo Reis”, “Lisboa De Camões”, “Lisboa De Fernando Pessoa”, “Sophia De Mello Breyner Andresen”, “Lisboa De Cesário Verde”, “José Saramago e o Memorial Do Convento”.

¹⁷ Este roteiro centra-se exclusivamente nos locais em que Régio viveu, no Norte (Porto e Vila do Conde), não sendo feita nenhuma referência à cidade de Portalegre, onde existe uma casa-museu do escritor.

As casas-museu estão um pouco implementadas por todo o país, existindo mais de uma dezena de casas-museu ou fundações de escritores, com maior incidência no Norte¹⁸.

Os festivais literários também merecem referência no contexto do turismo literário. Estes eventos começam a ganhar expressão em Portugal, numa aposta de diversificação da oferta turística apostando em nichos de mercado. Podem referir-se alguns exemplos¹⁹, sendo o mais conhecido o FOLIO - Festival Literário Internacional de Óbidos, realizado pela primeira vez em 2014. Aliás, a Vila de Óbidos tem feito uma aposta no turismo literário, tendo obtido a classificação de Cidade Literária em dezembro de 2015, no âmbito da Rede de Cidades Criativas, criada em 2004 pela UNESCO²⁰.

O Turismo de Portugal²¹ também recomenda no seu website diversos roteiros, casas-museu e outros locais para quem gosta de livros. Entre eles a Livraria Lello, no Porto; a Fundação de Serralves; a Biblioteca Joanina, da Universidade de Coimbra; Óbidos, Vila Literária; a Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra; o Chiado, em Lisboa; a Fundação Gulbenkian e a Lx Factory.

No Alentejo também existem escritores naturais deste território capazes de colocar as suas terras no mapa. Refira-se um escritor contemporâneo, José Luís Peixoto, cuja obra “Galveias”, que homenageia a terra homónima do Distrito de Portalegre que o viu nascer, se encontra traduzida para cerca de 30 línguas e já cativou a atenção de diversos “leitores-turistas” que se deslocaram ao local para vivenciarem a atmosfera deste romance. Numa entrevista à Sábado²², o escritor refere um colombiano que veio a Portugal especificamente para conhecer o sítio e visitas organizadas de grupos a partir de Espanha.

Em 2015, foi criada a ASSESTA²³, Associação de Escritores do Alentejo, que pretende promover apresentações de livros de autores associados e outros que possam ser publicados pela associação, organizar tertúlias temáticas, dinamizar oficinas de escrita criativa, desenvolver projetos literários de promoção e preservação da cultura alentejana, fomentar espetáculos

¹⁸ A título de exemplo refiram-se as Casas-Museus José Régio, em Portalegre e Vila do Conde; a Casa-Museu de Camilo, em S. Miguel de Ceide – Vila Nova de Famalicão; a Casa Fernando Pessoa, em Lisboa; a Fundação Eugénio de Andrade, no Porto; a Casa-Museu Guerra Junqueiro, no Porto; a Casa-Museu Ferreira de Castro, em Salgueiro – Oliveira de Azeméis; a Casa-Museu Fernando Namora, em Condeixa-a-Nova; a Casa-Museu Miguel Torga, em Coimbra; a Fundação Aquilino Ribeiro – Casa-Museu e Biblioteca, em Soutosa – Moimento da Beira; Casa Museu Vitorino Nemésio – Ilha Terceira Açores; a Fundação Arthur Cupertino de Miranda, sobre Mário Cesariny, em Famalicão.

¹⁹ Festival Literário Correntes d’Escritas, na Póvoa do Varzim; Escritaria, em Penafiel; o Festival Literatura em Viagem, em Matosinhos; o Festival Literário do Douro, em Sabrosa; o Festival Literário de Ovar; Festival Literário da Madeira; Festival Literário da Gardunha; Festival Tinto no Branco, em Viseu.

²⁰ A título de curiosidade, refira-se que em Portugal existe mais um local classificado como Cidade Criativa, Idanha-a-Nova, Cidade Criativa de Música.

²¹ URL: <https://www.visitportugal.com/pt-pt/content/sitios-especiais-para-quem-gosta-de-livros> (consultado em 24 agosto 2019).

²² Revista nº 777, de 21 a 27 de março de 2019.

²³ URL: <http://www.assesta.pt/quemsomos.php> (consultado em 24 agosto 2019).

ligados à palavra e promover e participar em encontros literários. Na sua génese estiveram 15 escritores naturais do Alentejo ou com forte ligação à Região.

Cunha (2012), publicou uma obra sobre as casas dos escritores do Alentejo, onde apresenta com detalhe a casa de José Régio, em Portalegre; o Palácio dos Marquês de Ficalho, em Serpa; o Monte dos Pensamentos, em Estremoz; a Casa da Quinta das Palmeiras, em Castelo de Vide; o Monte de Pêro Viegas, em Avis; a Casa das Romeirinhas, em Santiago do Cacém; a Casa da Quinta do Bispo, em Elvas; Casas de Cuba e Vila de Frades; a Casa do Largo, em Aljustrel; o Palácio Rojão e Quinta das Vidigueiras, em Reguengos de Monsaraz; a Casa da Quinta de Saragoça, em Évora.

José Régio, professor, poeta, colecionador, entre outros talentos artísticos, é uma figura indissociável da cultura portalegrense, e a sua vida e obra serão descritas sumariamente na seção seguinte, como elementos potenciadores do desenvolvimento do turismo literário nesta cidade. Aliás, dos escritores mencionados anteriormente, este é o único cuja casa se encontra aberta ao público, a Casa-Museu José Régio. Também em Vila do Conde existe uma Casa-Museu José Régio, que o escritor habitou após se reformar e até 1969.

Francisco Manuel de Melo Breyner nasceu em 1837, em Serpa, e morreu em 1903, em Lisboa. Privou com Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro, entre outros (Cunha, 2012). A sua casa, o Palácio dos Marquês de Ficalho, em Serpa, é um edifício de arquitetura residencial barroca, foi classificado em 2007 como Monumento Nacional. Não se encontra aberto ao público.

O Monte dos Pensamentos, em Estremoz, foi casa de Ruben Alfredo Andersen Leitão, que nasceu em 1920, em Lisboa, e morreu em 1955, em Lisboa. Publicou mais de 20 livros, entre diários, romances, memórias, investigação histórica, contos e peças de teatro (Cunha, 2012). Atualmente a casa alberga uma unidade de Turismo em Espaço Rural.

A Casa da Quinta das Palmeiras, em Castelo de Vide, erguida em 1920, foi lar de dois grandes poetas. O pai, Francisco Bugalho, que a herdou, nela constituiu família, escreveu e foi lavrador, e o filho, Cristovam Pavia, que nela se inspirou, escreveu e deixou, numa arca, o que há para saber sobre a sua obra e o seu pensamento (Cunha, 2012).

O Monte de Pêro Viegas, em Avis, foi a casa onde viveu o escritor Mário Saa, construída pelo pai do escritor, que era juiz e proprietário abastado, no século XIX (Cunha, 2012). Alberga atualmente uma unidade de Agroturismo.

A Casa das Romeirinhas, em Santiago do Cacém, foi a casa que viu partir o escritor Manuel da Fonseca, após uma queda nas escadas, em 1993. Mais modesta que as anteriores, fecha um

bloco de seis habitações, mandadas construir pela Câmara Municipal de Santiago do Cacém, após o 25 de abril (Cunha, 2012).

A Quinta do Bispo, em Elvas, foi lar de António Sardinha de meados de 1921 até 10 de janeiro de 1925, quando faleceu com apenas 37 anos. António Sardinha foi político, ensaísta, historiador, doutrinador e poeta (Cunha, 2012).

Na casa de Vila de Frades nasceu o escritor Fialho de Almeida, em 1857. O escritor repartia o seu tempo pelas duas casas, em Vila de Frades e Cuba (Cunha, 2012).

A Casa do Largo, em Aljustrel, onde o escritor Brito Camacho, já no outono da vida, viera compor os seus derradeiros livros. Nasceu em 1862 e morreu em 1934 (Cunha, 2012).

Foi no Palácio Rojão, construído na primeira metade do século XIX, residência urbana da família Papança, que os condes de Monsaraz escreveram grande parte da sua obra. António de Macedo Papança foi proprietário agrícola, advogado, deputado, Par do Reino, visconde, conde e membro de várias academias. Mas foi sobretudo poeta. O filho, Alberto de Monsaraz, também foi poeta, mas, fruto da época em que viveu (nasceu em 1889 e morreu em 1959), dedicou o maior esforço da sua vida à política e causa monárquica. Foi ele que mais frequentou a Quinta das Vidigueiras, onde escreveu quase todos os poemas dos três livros que publicou (Cunha, 2012). O Palácio de Rojão alberga atualmente a Biblioteca Municipal.

Na Casa da Quinta de Saragoça, em Évora, viveu o poeta Saul Dias, irmão de José Régio, durante 35 anos, de 1937 a 1972 (Cunha, 2012). Também aqui viveu outro irmão de José Régio, Júlio, que se destacou na pintura, apesar de também ter escrito poemas.

O Turismo Literário em Portalegre

O património cultural de Portalegre está indubitavelmente ligado a uma das suas figuras mais célebres, o escritor José Régio, que viveu na cidade durante 34 anos.

José Régio, nascido em 1901 em Vila do Conde, muda-se para Portalegre em 1929, tendo sido contratado como professor de francês e português no Liceu Mouzinho da Silveira. Em Portalegre, “inicia um difícil e espinhoso percurso de reconhecimento da cidade para onde o destino o conduziu (...), em que sente uma enorme diferença entre a fervilhante Coimbra, o buliçoso Porto, e a pacata Portalegre” (Ventura, 1984, s.p.). A reação à mudança de vida é claramente negativa, como podemos ler no poema “Fado Alentejano”, publicado em *Fado*, em 1941: “Quando cheguei, quis-te mal, Alentejo-ai-solidão...” (Régio, 1941, p. 141), assim como à casa que viria a ser a sua:

Quando pela primeira vez vi, de noite, a casa que se tornaria a minha Casa de Portalegre, pareceu-me um casarão sinistro. O que tinha diante de mim era uma parede nua (...). Erguida, para mais, numa espécie de morro achatado e pedregoso, a que se ascendia por umas escadinhas de pedra, ficava fora da estrada e tinha qualquer coisa de cenário para uma história de pavor. (Régio, 1965 in Cunha, 2012, p. 27)

Aos poucos, porém, vai aprendendo a apreciar a cidade e a região, a simplicidade das suas gentes, que o inspiram para os seus contos e romances. Foi em Portalegre, “cidade do Alto Alentejo, cercada de serras, ventos, penhascos, oliveiras e sobreiros” (Régio, 1941, p. 104) que Régio viveu e produziu a maior parte da sua obra, numa “criação abundante que derrotará o tédio” (Lisboa, 1978, p. 56), tendo acabado por desenvolver uma inexplicável afeição pela terra e pela casa, como confessou numa carta a Jorge de Sena: “não sei que estranho feitiço me prende a isto” (in Cunha, 2012, p. 27).

Inicialmente, quando chegou a Portalegre, o escritor alugou um quarto na casa do largo da Boavista, tendo-se tornado um hóspede único, por força da necessidade de espaço, que ia aumentando consoante a ampliação da sua coleção. A par da sua dedicação às letras, Régio também foi um ávido colecionador, com uma especial predileção pela arte sacra e antiguidades. À medida que ia aumentando a sua coleção, foi alugando outras dependências da casa para poder albergá-la, acabando por tomar conta de todo o edifício. Em 1964, vendeu a sua coleção à Câmara Municipal de Portalegre, que também adquiriu a casa, a restaurou e transformou em museu. Este abriu ao público a 23 de maio de 1971.

O património cultural de Portalegre está indubitavelmente ligado à figura de José Régio. Este património, por via do Turismo Literário, poderia ser mais potenciado, não obstante a existência duma casa-museu nesta cidade, onde são organizadas iniciativas esporádicas. O site da Câmara Municipal de Portalegre (CMP) não apresenta, à data da elaboração deste artigo, nenhuma proposta de itinerário temático relacionado com o escritor. Porém, e de acordo com informação fornecida pelos serviços de turismo da CMP, encontram-se em elaboração dois roteiros regionais, um deles em colaboração com o Instituto Politécnico de Portalegre, que deverão ser divulgados brevemente.

Baseado na vida e obra de José Régio, poder-se-á sugerir um conjunto de locais a integrar um futuro roteiro regiano, bem como a realização de outras iniciativas que contribuam para a dinamização do Turismo Literário nesta cidade, contribuindo para a dinamização da oferta turística e captação de novos públicos.

A casa-museu José Régio, “casa velha, tosca e bela, à qual quis como se fora feita para eu morar nela” (Régio, 1941, p. 97), será o local indicado para o desenvolvimento de eventos

culturais relacionados com o escritor, e ponto de partida por uma visita pelos locais frequentados por Régio na cidade.

Para além de ocasionais tertúlias que já são organizadas na casa, a par com as visitas guiadas, sugerem-se a dinamização de outras iniciativas com carácter mais regular, como jantares, chás temáticos e palestras²⁴, que permitam aos visitantes aprofundar a sua experiência literária e vivência desta casa, ao observar os objetos pessoais do escritor, sentir a sua intimidade e atmosfera de criação literária e explorar os recantos desta:

casa cheia dos maus e bons cheiros das casas que têm história, /cheia da ténue, mas viva, obsidiante memória/ de antigas gentes e traças, /cheia de sol nas vidraças/ e de escuro nos recantos, / cheia de medo e sossego,/ de silêncios e de espantos,/ - quis-lhe bem como se fôra/ tão feita ao gosto de outrora/ como as do meu aconchego (Régio, 1941, p. 97).

Para além das obras literárias existentes, a coleção do escritor é outro dos atrativos da casa. Possui diversas coleções, expostas por dezassete salas de exposição permanente, e por uma sala de reservas. As coleções expostas integram: escultura, pintura, faiança, mobiliário, metais, têxteis e registos. A reserva inclui: escultura, faiança, numismática/medalhística, registos, trabalhos pastoris (marcadores de pão e bolos, cornas, chávenas e colheres), ferros forjados. Destaca-se, ainda, a coleção de arte sacra, com os Cristos em madeira, e de arte popular, que faziam parte do enxoval das noivas, em tempos idos, no Alentejo (Milheiro & Pereira, 2014).

Nas imediações da casa, fica a Praça da República²⁵. Esta Praça encerra edifícios de grande valor patrimonial, entre os quais se destacam o Palácio Achaioli e o Palácio Avilez²⁶. Atualmente é um local de convívio e de animação cultural, ocupado na sua maioria por espaços comerciais, esplanadas e o Centro de Artes e Espetáculos de Portalegre. Durante o século XIX e início do século XX acolheu o mercado da cidade.

Estes locais foram mencionados, com alguma ironia, em *Histórias de Mulheres* (1968).

Viera um novo governador civil que, pretendendo “resta- belecer a concórdia na grande e boa família portalegrense, conjugando os esforços de todos no sentido de fazer entrar num definitivo período de paz e progresso esta nobre cidade” (discurso lançado ao Corro das janelas do Governo Civil) com tão louvável pretensão não conseguira senão turvar

²⁴ Estas iniciativas foram recentemente propostas à CMP, no âmbito do Projeto Plano Operacional de Turismo de Portalegre, elaborado por uma equipa de investigadores do IPP, que a autora deste artigo integrou.

²⁵ Praça de grandes dimensões, com uma forma retangular e uma fonte que remata um dos extremos

²⁶ Casa dos Avillezes/ Solar da família Avilez. Séc. XVIII. Arquitetura residencial, barroca. Destaca-se a escadaria interior. Foi da sua varanda que, pela primeira vez em Portalegre, no dia 5 de outubro de 1910, Baltazar Teixeira hasteou a bandeira republicana. Atualmente ocupado pela PSP. Destaca-se a azulejaria.

ainda mais os ares, reacendendo sem querer o flamejar dos partidos e as fagulhas das implacáveis inimizadezinhas (Régio, 1968, p. 23).

Sugere-se que, nesta praça, se dinamize um Festival Literário com várias iniciativas, como uma Feira do Livro, uma Feira das Velharias (aludindo ao gosto pelo colecionismo de Régio), articuladas com um ciclo de palestras, jantares e chás já sugeridos na casa-museu, acrescidas de visitas guiadas pelos locais referidos neste texto, onde se explore a componente do storytelling (com histórias dos locais e de acontecimentos e apontamentos sobre a personalidade do escritor).

O Palácio Achaioli desempenhou um papel relevante na vida do escritor, uma vez que aqui lecionou durante parte da sua vida, enquanto este espaço foi liceu da cidade. O Palácio Achaioli data do século XVIII, sendo um edifício de Arquitetura residencial, barroca. Construído no mesmo local da anterior residência da mãe de D. Nuno Álvares Pereira, D. Iria Gonçalves Pereira. A fachada mantém as linhas geométricas primitivas. Destaca-se a escadaria de pedra trabalhada e os painéis policromados que decoram o Salão Nobre e as escadas. Atual Escola Superior de Educação e Ciências Sociais.

O convívio com outros notáveis da cidade também desempenhou um papel importante na vida do escritor, sendo célebres as tertúlias no Café Central e no café Facha, “que sentava à mesa o poeta Feliciano Falcão, Arsénio da Ressurreição, Eugénio Lisboa, Carlos Saraiva, Rui Serrão, entre outros” (Cunha, 2012, p. 9). Ventura (1984), conta-nos que: “é famosa a tertúlia que, nos anos quarenta e cinquenta, se reunia regularmente à mesa do Café Central e que se muda, perturbada pelo bulício que a introdução da televisão produziu naquele estabelecimento, para o Café Facha”.

A Sé de Portalegre serviu, igualmente, de inspiração a Régio. É um edifício cuja edificação se iniciou em 1556, por iniciativa de João III de Portugal. O Largo onde se encontra é composto por edifícios de grande valor patrimonial e arquitetónico: os antigos Paços do Concelho (séc. XVII), o Museu Municipal (antigo Seminário, séc. XVI); o Paço Episcopal (séc. XVI), e a Casa Nobre dos Ataídes, Pereiras, FONSECAS, Pinheiros e Sousas (séc. XII).

De Portalegre cantando
Meu canto é doce é amargo
Já sinto os olhos turvando
Já sinto o peito mais largo... Ai!

Torres da velha Sé
Ai! Muros do burgo estreito!

Sempre vos rezo com fé
Se me levanto ou deito...
O céu das tardes compridas

Parece que vem baixando
E as torres são mãos erguidas

Que quase lhe estão chegando. (Régio, 1952²⁷)

O Palácio Amarelo/Casa Amarela foi construído no século XVII e sofreu alterações nos séculos XVIII e XIX. Edifício emblemático de Portalegre, formado por dois coros seiscentistas, cada um com um brasão. No séc. XVII foi residência dos descendentes dos Condes de Abrantes, os Rombos de Sousa Tavares. No séc. XIX, provável construção do torreão. Casa particular, classificado como IIP. Descendo em direção ao Museu da Tapeçaria, passamos por este Palácio, onde decorreu a exposição comemorativa de celebração do 4.º centenário da elevação de Portalegre à categoria de cidade, tendo Régio escrito a introdução do catálogo da exposição dos pintores do distrito, que esteve patente, em maio de 1950, nesse palácio:

Quem julgar que a cidade de Portalegre não é bonita, poderá ver que é mais do que isso; porque é bela na sensibilidade dos artistas que, pintando-a ou não, se enriqueceram sabendo entender os seus recantos evocativos, as suas ruas estreitas e pitorescas, os seus casarões setecentistas, os seus longes de serras lilazes ou ultramar, o nobre perfil da sua Sé dominando, como numa estampa, o casario branco, o monte da Penha fechado o quadro com as suas mantas de cores pela encosta, a sua espuma de penhascos em cima, os braços da sua cruz já no Céu. (Régio, 1984, p. 124).

Página | 113

O roteiro poderá terminar no Convento de São Bernardo. Mencionado em *Histórias de Mulheres* (1968) e em *Escritos de Portalegre* (1984), o Convento (ou Mosteiro) de São Bernardo, é uma das obras cistercienses mais bem preservadas do país, tendo sido fundado em 1518. O portal renascentista, a igreja e claustros manuelinos, os painéis de azulejos e as arcadas são dignos de visita. Tendo tido diversas utilizações, é hoje ocupado pela GNR. Situa-se numa encosta da Serra de Portalegre: “O que desde já tem Portalegre são [...] claustros de antigos conventos e miradouros donde o olhar descobre, súbito, uma admirável natureza” (Régio, 1984, p. 120).

²⁷ Texto publicado na revista A Rabeca, em novembro de 1952.

Conclusão

Neste artigo, procurámos salientar a relação entre turismo e literatura, a forma como este último pode contribuir para a preservação de espaços (casas-museu, cafés, restaurantes, hotéis e outros descritos em obras literárias ou vivenciados pelos autores) e originar manifestações culturais (festivais, itinerários e outros), suscetíveis de criar experiências únicas e diversificar a oferta dos destinos. Apresentámos diversos exemplos de iniciativas que contribuem para a preservação e divulgação do património literário português, capazes de serem diferenciadoras e proporcionar experiências únicas, envolvendo os visitantes no ambiente dos autores.

No Alentejo, o potencial para explorar o turismo literário existe, mas ainda não está devidamente aproveitado. Diversos escritores de renome habitaram (e habitam) este território, sendo desejável que se dinamize a sua obra criando experiências turísticas que permitam aos visitantes sentir o ambiente das casas que habitaram ou observar os locais que descreveram nas suas obras. Algumas casas dos autores mencionados no artigo têm aproveitamento turístico por via do Turismo em Espaço Rural, mas estando restritas aos seus hóspedes.

Portalegre terá muito a ganhar se apostar neste produto de nicho, captando visitantes com diferentes perfis: os “leitores-turistas” apreciadores da obra de José Régio, mas também outros, que não sendo conhecedores, poderão obter mais conhecimento sobre o poeta ao frequentar as iniciativas propostas. Aliar a obra de Régio à riqueza patrimonial da cidade (seja do edificado, seja das suas tradições ou gastronomia), será uma forma de oferecer uma experiência única, cultural, diferenciadora e sustentável, capaz de contribuir para a dinamização do turismo na cidade e para a preservação do seu património material e imaterial.

Referências Bibliográficas

Butler, R. (2000). Literary tourism. In J. Jafari (Ed.), *Encyclopedia of tourism* (p. 360). London: Routledge.

Cabral, C. (2011). *Património Cultural Imaterial. Convenções da UNESCO e seus contextos*. Edições 70.

Carvalho, I. & Batista, M. M. (2015). Perspetivas sobre o Turismo Literário em Portugal. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 25, 55-68.

Cunha, S. (2012). *Casas de Escritores no Alentejo*. Guimarães: Opera Omnia.

Fernandes, S, Carvalho, P. (2017). Património e Turismo Literário: Leiria Queiroziana. In Cravidão, F., Cunha, L., Santana, P., Santos, N. (Orgs), *Espaços e Tempos em Geografia*,

Homenagem a António Gama (pp. 579-593), Imprensa da Universidade de Coimbra University Press.

Herbert, D. (1996). Artistic and literary places in France as tourist attractions. *Tourism Management*, 17 (2), 77-85.

Hoppen, A., Brown, L. & Fyal, A. (2014). Literary tourism: Opportunities and challenges for the marketing and branding of destinations? *Journal of destination Marketing & Management*, 3, 37-47.

Lisboa, E. (1978). *José Régio: Uma literatura viva*. Instituto de Cultura Portuguesa. Amadora: Biblioteca Breve.

Milheiro, E. & Pereira, M. J. (2014). Turismo e Literatura: Um itinerário regiano por Portalegre. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 21/22, 81-90.

Milheiro, Eva (2018). Turismo e literatura: experiência intercultural e perpetuação da memória, *III Congresso Internacional de Cultura Lusófona Contemporânea - CICLC 2018*, 8 - 9 de novembro de 2018, Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Portalegre.

Oliveira, S. A. A. (2017). *Um Porto de encontro entre Turismo e Literatura*. (Tese de Mestrado não publicada). Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal.

Quinteiro, S., Baleiro, R. (2017). *Estudos em literatura e turismo: Conceitos fundamentais*, Centro de Estudos Comparatistas Faculdade de Letras, Lisboa: Universidade de Lisboa.

Quinteiro, S., Baleiro, R., Santos, I. D. (2016). *Literatura e Turismo: Turistas, viajantes e lugares literários*, Faro: Universidade do Algarve.

Régio, J. (1941). *Fado: Poesia*. Brasília: Brasília Editora.

Régio, J. (1984). Escritos de Portalegre. *Portalegre: A cidade*. Portalegre: Revista Cultural de Portalegre.

Santos, S. (2018). Aportes Teóricos e Concetuais sobre o Turismo Cultural. *Revista Turismo Estudos e Práticas*. Mossoró: GEPLAT/UERN.

Sardo, A. (2009). Turismo literário: A importância do património e dos sítios literários para o desenvolvimento turístico regional. In J. M. Simões & C. C. Ferreira (Eds.), *Turismos de nichos: Motivações, produtos, territórios* (pp. 339-352). Centro de Estudos Geográficos. Lisboa: Universidade de Lisboa.

UNWTO. (2017). Tourism Definitions. URL: <https://bit.ly/2YEhwfC> (consultado a 9 agosto de 2019).

Ventura, A. (1984). *José Régio em Portalegre*. Portalegre: Atelier de Artes Plásticas.

Notas sobre a autora:

Eva Milheiro

eva@ipportalegre.pt

ORCID: 0000-0002-0436-8086

CiêncialD: A01B-6A92-4E8E

Professora Adjunta no Instituto Politécnico de Portalegre, área do Turismo.
Investigadora colaboradora no Valoriza (IPP); CITUR (Polo Algarve) e GOVCOPP (UA).